
Shakespeare – o gênio original

Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008, 132p.

*Rodrigo Rangel**

Foi através de uma experiência prática como ator que a percepção do conceito, construído por Constantin Stanislavsky, de *vivenciar* um personagem, se fez presente para mim de forma plena e verdadeira. Não obstante, para que isto ocorresse, somente um texto poderoso e intenso poderia servir como ferramenta ideal na percepção deste processo, que necessariamente exige uma inter-relação entre o ator e os sentimentos do personagem interpretado. Assim, foi com as falas genialmente construídas de *Otelo*, personagem do texto homônimo de William Shakespeare, que pude experienciar e comprovar, numa montagem realizada em 1994, toda a força da poesia dramática do bardo inglês. Ou, como diria Goethe, após sua primeira leitura de Shakespeare: “*A primeira página dele que li foi uma identificação por toda a vida (...). Reconheci, senti vivamente a minha existência expandindo-se numa infinidade (...)*” (p.94).

Esta experiência como ator trouxe-me uma percepção clara da força textual da obra de Shakespeare, que consegue envolver os artistas realizadores da cena, o público, que estabelece contato com o autor através dos atores, e os leitores de sua obra. Pude comprovar empiricamente que a força de Shakespeare pode se manifestar de muitas maneiras diferentes. E é especificamente este aspecto – a força da poesia shakespeariana - que nos é revelado no instigante livro *Shakespeare – o gênio original* (Jorge Zahar Ed., 2008, 132p.).

Pedro Sússekind, seu autor, doutor em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em literatura comparada na Universidade Livre de Berlim, e professor da Universidade Federal de Ouro Preto, aborda com imensa segurança, através de um texto envolvente e acessível, questões históricas e filosóficas importantes. Tendo como foco a recepção da obra de Shakespeare na Alemanha, o livro revela como e por que esta obra influenciou fortemente a prática e a teoria da arte a partir da segunda metade do século XVIII.

* Rodrigo Rangel é mestrando em Ciência da Arte pela UFF – Universidade Federal Fluminense. Possui bacharelado em Artes Cênicas, habilitação em Interpretação Teatral, e Licenciatura Plena, habilitação em Artes Cênicas, ambas pela UNIRIO – Universidade Federal Estadual do Rio de Janeiro. Também possui curso de aperfeiçoamento no Método Stanislavski pelo GITIS – Academia Russa de Arte Teatral, Moscou. É ator, diretor, dramaturgo e professor de teatro. rr.professor@globocom

Partindo de fontes originais, Süsserkind vai revelando ao leitor como as traduções das obras de Shakespeare para o alemão foram colocando em questão a tradição estética de base aristotélica, e seu modelo normativo, que fundamentava o Classicismo francês. Tomando a obra de Shakespeare como referência, dramaturgos e teóricos introduzem na estética alemã a noção de *gênio original*. Essa concepção, como observou Süsserkind, foi considerado por Anatol Rosenfeld fundamental no deslocamento da análise estética, *da apreciação da obra para o culto do autor*. A valorização da originalidade, da criatividade e da espontaneidade na produção artística, em oposição às convenções e regras impostas pela sociedade, se afirmou e consolidou no movimento romântico que teve início no século XVIII, o *Sturm und Drang*, também chamado Pré-romantismo.

Este movimento também incentivou a polêmica discussão entre talento e técnica. Os franceses Racine e Corneille eram até então sinônimos de bom gosto e do que havia de mais correto no campo literário e teatral na sociedade francesa e na corte alemã, por serem representantes de uma rígida e impecável técnica artística. Mas, através do *talento* de Shakespeare, esses valores, essenciais para os clássicos, foram questionados.

Numa pesquisa rigorosa, o autor apresenta em sua exposição conceitos estéticos de diversos pensadores, como Lessing, Lenz, Goethe, Herder, Schiller e Kant. Süsserkind vai brindando o leitor com passagens interessantes sobre críticos e artistas envolvidos nesse processo de mudança, que possibilitou o surgimento da poesia e da arte moderna. O relato que reproduzimos a seguir reconstrói de maneira significativa o contexto da época, suas particularidades históricas e culturais: “Durante o período do Sturm und Drang, Lenz e Goethe mantiveram relações cordiais, mas elas se deterioraram posteriormente a ponto de tornar impossível a convivência entre ambos. A trajetória dos dois não podia ser mais divergente: enquanto o autor do famoso *Os sofrimentos do jovem Werther* foi convidado para a corte de Weimar pelo Duque Karl August, ganhou depois um título de nobreza e viveu mais de 80 anos de intensa produtividade, o arrebatado Lenz morreu pobre e louco aos 41 anos. (...) Lenz sofreu as consequências de tentar viver como escritor num período em que não havia mercado alemão para os bens culturais. Os autores daquela época, por mais talentosos que fossem, dependiam em grande medida de mecenas nobres, e portanto também de ligações sociais cuidadosamente cultivadas.” (p. 54)

O livro vai revelando o alcance e os resultados da influência shakespeareana na Alemanha, que provocou o surgimento de uma teoria da arte oposta ao modelo clássico e, posteriormente, influenciou também os próprios autores franceses da poesia romântica, como Victor Hugo e Alfred de Vigny: “Um dos momentos mais marcantes do conflito entre clássicos e românticos na França foi a estreia da peça *Hernani*, de Victor Hugo, em 1830, dois anos depois do êxito de uma companhia inglesa que apresentara peças de Shakespeare em Paris. A peça de Victor Hugo obteve grande sucesso, apesar de contrariar os cânones da dramaturgia clássica, e o entusiasmo de seu autor por Shakespeare o levou a chamá-lo de “o maior criador depois de Deus” e a defender calorosamente, em seu “Prefácio a Cromwell”, a noção de gênio como justificativa para o projeto romântico: “Em nome da verdade, todas as regras são abolidas.”(p. 74)

O último capítulo, dedicado a Goethe – o “Shakespeare alemão” - destaca seu envolvimento com a obra do dramaturgo inglês. Atuando como um inteligente comentador, Pedro Sússekind apresenta as diferenças que surgem no posicionamento de Goethe desde seu primeiro ensaio sobre o autor – “Para o dia de Shakespeare”, em 1771, até o texto que escreve no final de sua vida, em 1826 – “Shakespeare e o sem fim”: “Pela comparação entre os dois ensaios de Goethe, o de 1771 e o de 1826, percebe-se claramente a diferença de perspectiva entre o autor apaixonadamente exaltado do Sturm und Drang e o escritor sóbrio, marcado pelos anos de correspondência com Schiller, pelo estudo dos antigos e pelo empenho em definir e exercitar os diversos gêneros poéticos” (p.92).

O livro enriquece e estende a discussão sobre a arte ao inserir observações e comentários de autores brasileiros, como João Cabral de Melo Neto, contribuindo assim para que um tema, aparentemente distanciado das questões artísticas nacionais, possa ser entendido como um movimento maior e mais amplo, que atinge a todos os que se interessam pelo desenvolvimento humano e pelo processo de transformação da arte. Enfim, trata-se de uma pesquisa que muito colabora para a compreensão da recepção da obra de Shakespeare e a construção do conceito de gênio, para estudos da história do teatro e da filosofia da arte.